

A menina
desaparecida

A menina
desaparecida
JILL CHILDS



cordel d' prata
— EDITORA —

Publicado originalmente sob o título:
"Long Lost Girl".
© Jill Childs, 2022
Bookouture, London



cordel d' prata
— COLEÇÃO —

www.cordeldeprata.pt
Avenida Tomás Ribeiro 47, 2ºC
2790-463 Carnaxide

—
© 2024 Cordel D' Prata

1ª Edição
Março 2024
Autora: Jill Childs
Revisão: Mário Potes
Tradução: Moisés Pampim

Direção Editorial: Luis Rodrigues
Coordenador criativo: Mário Ferreira
Paginação e design: Lara de Matos
ISBN: 9789895790029
Depósito legal: 524299/23

Reservado todos os direitos.
Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida,
no todo ou em parte, por qualquer processo eletrónico, mecânico,
fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização da Editora.

Este exemplar é dedicado a si que escolhe e promove as obras portuguesas.
Desejamos uma excelente leitura!

Prólogo

Não existe um único dia em que não pense em ti, minha querida menina desaparecida. Um dia? Dificilmente, não há nenhum momento em que não pense em ti.

Pensei que a dor adormeceria com a passagem dos anos, mas acabou por não acontecer. Carrego-a dentro de mim, todos os dias, como duas mãos na minha garganta que me asfixiam lentamente.

Existem noites em que acordo de repente, em pânico com a testa banhada em suor e com falta de ar. Com os olhos muito arregalados, fico a olhar para os pequenos traços de luz vinda do exterior que a cortina da janela não consegue tapar. E se tu desapareceste para sempre? E se é demasiado tarde e tu abandonaste este mundo antes de mim, deixando-o oco, vazio e frio?

Não. Não posso, nem vou, acreditar nisso. Eu vou ver-te novamente. Eu tenho mesmo de te ver de novo.

Forcei-me a acalmar a minha respiração e estiquei-me para ligar a luz do candeeiro da mesa de cabeceira, piscando os olhos no quarto iluminado. Está tudo ali, real e sólido. O toucador, o roupeiro e a cómoda. A cadeira com as minhas roupas já prontas para aquela manhã. A superfície do copo de água ao meu lado a cintilar com os fragmentos de luz.

Eu sinto-te. Eu ainda sinto que estás viva, onde quer que estejas, meu amor, tu ainda existes.

Algo em mim suaviza e eu suspiro.

Sinto os anos a passarem rapidamente à frente dos meus olhos e sou arrastada de volta ao início, ao cheiro doce e cremoso da tua pele, aos pequenos tufo de cabelo húmido agarrados ao teu couro cabeludo e à forma dos teus lábios. Eras perfeita, deitada nos meus braços, pequena e leve como um pássaro. O teu rosto é avermelhado, a tua pele enrugada, e os teus olhos cerrados contra a luz ambiente.

Meu amor, por favor, volta para mim. Encontra-me antes que seja demasiado tarde.

Paula

Capítulo 1

A minha mente flutuava a quilómetros de distância enquanto me aproximava da casa da Avó, com um saco de compras na mão que fazia inclinar o meu corpo na direção do seu peso.

Era final de tarde e uma leve brisa começava a soprar. Havia um pequeno bosque no outro lado da rua, em frente à fileira de terraços vitorianos. Eu costumava brincar lá quando era criança, subindo às árvores e pendurando-me de cabeça para baixo nos seus ramos mais baixos. Agora as árvores agitavam-se sonolentas e as sombras que projetavam acompanhavam os seus movimentos lentos.

Tinha estado na escola de arte da região durante todo o dia. Trabalhava no café da parte da manhã, como é habitual, e depois ficava para ajudar o Jorge a telefonar para os outros voluntários, enquanto tentávamos preencher as vagas para o serviço da próxima semana. Ele tentou outra vez convencer-me a concorrer para o cargo de subgerente.

– Tu serias perfeita – disse o Jorge, com os olhos a brilharem através das lentes dos seus óculos. A influência do espanhol na sua pronúncia era mais evidente do que nunca. Ele agitou a mão teatralmente por cima do caos de papelada, uma confusão de cartas e contas por pagar, salpicada com notas autocolantes *Day-Glo* com perguntas rabiscadas, a maioria das quais talvez nunca venha a obter uma resposta.

– Tu és uma mãe, Paula. E também és criativa. – Eu adorava a forma como ele dizia o meu nome, pronunciando muito bem as vogais: Pow-la.¹ – Nós precisamos de uma pessoa como tu, que seja uma de nós, que consegue compreender.

Estava tentada, confesso. Eles eram um grupo amigável e artístico de pessoas, professores e alunos. Ali, sentia-me em casa desde o início. Iris, a nossa vizinha incrível, pressionou-me para que eu me inscrevesse. Ela tinha assumido todo o tipo de novos desafios desde que se tinha reformado do seu cargo anterior de diretora e ela era daquele tipo de pessoas que não aceitava um *não* como resposta. No dia da minha primeira aula, segui-a nervosamente pelos degraus de pedra e pelas portas pesadas que davam para o átrio, atravessando o chão de linóleo desbotado até às escadas sólidas com o seu pesado corrimão de ferro.

Fez-me lembrar da escola, com as suas portas corta-fogo reforçadas, os seus conjuntos de cacifos alinhados e as paredes sujas e manchadas. Mas, meu deus, aquela luz. Caía em feixes através de grandes painéis de vidro e, enquanto ela me levava a subir vários lanços de escadas até ao estúdio no terraço, todas as paredes estavam cobertas de trabalhos dos alunos: aguarelas e óleos, esboços a carvão e a lápis, fotografias de esculturas e colagens.

No terraço, ela foi buscar café para as duas através do postigo de serviço da cafetaria – a Iris parecia conhecer toda a gente – e conduziu-me ao *atelier*, encontrando um lugar ao lado dela, com os cavaletes já todos preparados com papel fresco para a próxima aula de desenho com modelos humanos.

Isto aconteceu há quatro anos e, desde então, eu inscrevi-me nessa aula em todos os semestres. Agora já não pestanejava quando o modelo vivo do dia se despia sem embaraço e assumia a sua postura no pódio; magro ou esguio, atlético ou curvado, porém indiferente

¹ “Pow-la” é referente à forma como Jorge pronuncia o nome Paula, em inglês com influência do espanhol.

ao facto de um grupo de estranhos passar a aula inteira a examinar cada dobra e contorno do seu corpo enquanto o transpúnhamos para o papel.

O portão da casa da Avó rangeu quando o abri e me dirigi para o caminho de azulejos sujos. A frente da casa estava a ficar em mau estado. Inclinei-me para apanhar um pacote de batatas fritas que pingava e lembrei-me que tenho de limpar bem o lixo e as ervas daninhas. Talvez venha no sábado, pensei enquanto procurava as chaves da casa na minha mala.

Precisava de pensar naquela oportunidade de emprego que me foi sugerida pelo Jorge. Naquele momento, eu era apenas uma voluntária, mas aquele seria um dos poucos cargos pagos, com responsabilidades e horas decentes de trabalho. Eu li as competências requeridas. Eles queriam alguém com ideias novas acerca de como aumentar a comunidade, alguém que atualizasse as práticas de trabalho e todos aqueles outros termos que eram usados quando se precisava que o espaço sofresse uma boa reformulação.

Agora que penso nisso, depois de anos de voluntariado direcionado para as crianças, seria uma grande mudança estar de volta ao mercado de trabalho. De qualquer das formas, eu já estava a começar, gradualmente, a fazer mais. Fui eleita para a delegação de pais e professores da escola da Hannah e assumi a liderança na organização da feira de verão. A Hannah tinha oito anos agora e não lhe faria mal nenhum ficar, de vez em quando, no clube depois da escola, isto se eu tivesse de trabalhar até mais tarde. Muitos dos colegas de turma dela já o fizeram.

Mas não era só isso, pois não?

Parecia que estava a seguir em frente.

Consegui tirar a chave certa da mala e inseri-a na fechadura. Pensei no Will. De que forma é que ele se iria sentir? Não se tratava apenas dos aspetos práticos: de tempo ou de dinheiro. Tratava-se de muito mais do que isso. Era sobre nós e sobre tudo o que tínhamos passado. Era um sinal de que eu estava a desistir, que estava a fechar a porta. Eu não tinha certeza se estava pronta para isso e também não tinha certeza se o Will estava.

Percebi que algo estava errado no exato momento em que girei a chave na fechadura. A chave deslizou facilmente, rodando toda de uma vez, como uma faca que corta a manteiga com um só movimento. Surpreendida, fiquei parada. Algo não batia certo, pois a chave ficava sempre presa e havia um truque para a desprender e abrir a porta. A Avó e eu brincávamos com o facto de que, para abrir a porta, era necessária uma mão em volta da chave enquanto a outra segurava o batente redondo de latão, puxando a porta na nossa direcção, até que ela estivesse bem encaixada no caixilho da fechadura. Às vezes, no inverno, quando a fechadura emperrava muito, era preciso, adicionalmente, empurrar a porta com o joelho levantado.

O meu peito agitou-se, inquieto, sem saber muito bem o porquê. Empurrei a porta e entrei.

– Avó? – Fechei a porta da frente, que se encontrava atrás de mim. A porta de dentro, poucos metros à frente, estava aberta, embora a Avó a mantivesse sempre fechada. *A porta fechada mantém o calor*, dizia ela.

– Avó! – Atravessei o corredor com a respiração agitada e ansiosa. Os tons baixos de uma voz feminina, que me era estranha, chegaram até mim vindos da cozinha, no outro extremo desta pequena casa com terraço. Continuei a andar, com o saco de compras pesado numa das minhas mãos.

Elas estavam sentadas uma à frente da outra, em lugares opostos da mesa da cozinha. A mesma mesa onde a Avó costumava servir-me peixe panado e ervilhas, ou então salsichas com puré, quando eu vinha cá jantar em criança. A mesma mesa, com a sua superfície desgastada e com sulcos, onde, primeiro eu e depois a Hannah, desenhámos e pintámos com lápis de cera e, posteriormente, à medida que íamos crescendo, espalhámos os livros escolares e suspirávamos sobre os TPC enquanto a Avó nos enchia

com biscoitos.

– Olá? – Eu não estava propriamente a falar com a Avó, que estava sentada de costas viradas para mim, mas antes a interpelar a outra mulher com quem ela estava. Essa desconhecida estava sentada com

as mãos em volta de uma das melhores canecas de porcelana da Avó. O seu cabelo era grisalho, cortado tão curto que parecia um ouriço espetado, e tinha uma aparência que, evidentemente, precisava de uma boa lavagem. Provavelmente, teria uns sessenta e poucos anos, mas era difícil ter a certeza. A sua pele estava desgastada e fortemente enrugada. A parte de cima do fato de treino, completamente fechada, era folgada e brilhava nos ombros devido ao desgaste. Um saco de plástico volumoso e uma mala com a alça partida estavam no chão à beira dos seus pés. Algum dos dois, o seu corpo ou os seus bens, exalava um odor azedo e rançoso.

Qualquer que fosse a sua idade, os olhos penetrantes da convidada encontraram os meus. Se ela estava surpreendida por eu aparecer na cozinha, não o demonstrou. Ela olhou para mim com uma breve curiosidade, como se não se importasse com o que eu poderia pensar sobre ela, e esperou. Eu forcei um sorriso.

– Olá, eu sou a Paula, a neta. – Não obtive qualquer resposta.

Pousei o saco das compras no balcão da cozinha, ao lado do lava-loiça, e inclinei-me para dar à minha avó um beijo numa das bochechas.

– Está tudo bem? – A Avó sorriu.

– A Maria estava mesmo a contar-me sobre Hildegard. – A Avó inclinou-se para a frente em jeito de verificação. – Acertei nisso, certo? – A mulher assentiu.

A Avó continuou, incluindo-me na conversa:

– Aparentemente, Hildegard foi uma freira que compôs as mais fantásticas músicas religiosas. Em que época é que disseste que ela viveu? Início da Idade Média?

– No século XII. – A mulher voltou a virar os olhos na direção da Avó. – Não era só música. Ela também escreveu reflexões religiosas, e pregou. E também foi cientista. Bom, uma verdadeira intelectual, o que, naquele tempo, as mulheres costumavam ser – Ela parou o que estava a dizer, enquanto as duas pareciam tomar novamente consciência da minha presença ali, parada na beira da mesa, pairando sobre elas.